

OS PALAVRÕES E A ANÁLISE DO DISCURSO

Claudia Inêz Hipólito¹
UEMS

Resumo: Este trabalho foi produzido com o propósito de proporcionar um melhor entendimento sobre os elementos que compõem a análise de conteúdo e a análise de discurso, com a finalidade de fornecer base para os estudiosos bem como para sua correta utilização e identificar a disseminação do uso de palavrões. O objetivo principal deste trabalho foi abranger sobre estes dois tópicos e âmbitos de conhecimento, em um primeiro momento, descrevendo suas raízes tradicionais e linhagem histórica, transcrevendo-os e os caracterizando, de modo a trazer compreensão a respeito do fenômeno dos palavrões. O método de pesquisa adotado foi o exploratório, pesquisando as dificuldades, suas origens e possíveis resoluções. Para procura de subsídios, foram investigadas publicações sobre o tema, na busca literária de obras que abrangem o discurso bem como os progressos nesse campo de conhecimento. A consideração final é que a evolução tanto da análise de conteúdo como da análise do discurso em uma pesquisa, exigem conhecimentos mais peculiares e requer do investigador uma competência para sugerir e produzir suas próprias proposições de análise, desde que seja viável dentro desses dois âmbitos do saber.

Palavras-chave: Linguagem; Discurso; Historiografia linguística.

Abstract: This work was produced with the purpose of providing a better understanding of the elements that make up content analysis and discourse analysis, in order to provide a basis for scholars as well as for their correct use and to identify the dissemination of the use of profanity. The main objective of this work was to cover these two topics and areas of knowledge, at first, describing their traditional roots and historical lineage, transcribing and characterizing them, in order to bring understanding about the phenomenon of swear words. The adopted research method was exploratory, researching the difficulties, their origins and possible resolutions. To search for subsidies, publications on the subject were investigated, in the literary search for works that cover the discourse as well as the progress in this field of knowledge. The final consideration is that the evolution of both content analysis and discourse analysis in research requires more specific knowledge and requires the investigator to have the competence to suggest and produce his own analysis propositions, as long as it is feasible within these two areas of research. to know.

Keywords: Language; Speech; Linguistic historiography.

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues – NEAD/UEMS.

Introdução

Este trabalho foi produzido com o intuito de melhorar o entendimento sobre o que significa uma análise de conteúdo bem como a análise do discurso, com a finalidade de fundamentar os estudiosos da área para sua correta atividade. Desta forma, procurou-se abranger esses dois âmbitos do saber, sumariamente, descrevendo suas raízes, textualizando-os e propiciando sua caracterização.

Posteriormente, buscou-se abordar o seu uso, funcionalidade e arranjo de cada um, bem como suas particularidades. Após, produziram-se diversos comparativos entre a análise de conteúdo e a análise do discurso, com o objetivo de tornar mais fácil o entendimento do leitor.

Concluindo, fundamentaram-se algumas considerações finais que abordaram as restrições e limites desta pesquisa por se tratar de um estudo curto de dois campos do conhecimento sobre os quais há abundância de abordagens, artigos e estudos.

O Estudo da Linguística

A estima pela aprendizagem da linguagem por partes da humanidade está presente por um longo período em sua história, o que pode ser constatado por meio de obras literárias, poéticas, relacionadas a religião e a música. Orlandi (1994) evidencia que desde tempos antigos, os gregos, hindus, na idade média e vários outros tempos, o interesse dos homens sobre a linguagem não tinha se estabelecido como uma espécie de ciência, o que foi consumado com a aparecimento da linguística.

Igualmente, Bardin (1979) disserta que a interpretação de textos filosóficos, ou seja, sua arte, por sua longa prática, procurava-se entender o sentido e interpretações ocultas e dúbias, nas qual se subordina uma análise criteriosa e intuitiva.

Pode-se citar também a retórica, que abordava as várias formas de expressividade e persuasão, e a racionalidade, que procurava objetividade da cadeia lógica de raciocínios pelo exame dos enunciados de m discurso, sendo esta considerada, uma prática milenar de análise das comunicações.

Em meados do século 20, teve início a linguística, a qual teve que tornar pública sua comprovação e metodologia e harmonia precisa para ser aprovada com ciência.

Conforme Orlandi (1994), a instituição da linguística se encontra em duas épocas principais:

- Século XVII, nas quais as pesquisas sobre a linguagem foram caracterizadas pelo racionalismo, por intermédio do qual se procurava fixar conceitos gerais e lógicos que fundamentariam todas as linguagens;
- Século XIX, onde o entendimento da linguagem passou a incluir o acontecimento de que as línguas se alteram com o passar do tempo, ou seja, sua alteração e suas particularidades. Ocorre o nascimento então da metalinguagem: o uso de formas e símbolos para detalhar a própria língua, ou a utilização da linguagem para falar dela própria.

A linguística que é difundida nos dias de hoje, teve início nos estudos de Ferdinand de Saussure e de sua análise de anagramas, buscando demonstrar como existe um texto oculto sob um texto poético trabalhando na cabeça do leitor. Para Saussure, a língua é um sistema subjetivo, um acontecimento social, cujos aspectos só ganham valor na proporção que se associam com o todo do qual fazem parte (ORLANDI, 1994).

Esse arranjo interior da língua, intitulada por Saussure de sistema, é depois qualificada por sua sucessão de estrutura, o que passa a definir o sistema que fornece a linguística o status e colocação de ciência como Estruturalismo. A estudiosa detalha que o Estruturalismo, com sucesso desde sua base, várias maneiras no interior da linguística, como o Funcionalismo, cujo intuito é levar em conta os papéis desenvolvidos pelos aspectos linguísticos e o Distribucionalismo, que implementa uma justificativa comportamental (behaviorista) dos acontecimentos linguísticos, baseado no sistema de incentiva-resposta; ambos considerados linhas de pensamento teóricos com objetivos de descrição para a linguagem. No final dos anos 60, o Estruturalismo estava em seu auge.

Por ser amplamente difundido neste período, o mesmo começou a ser transmitido para outras áreas humanas, como no caso da etnografia, por Lévi-Strauss, com a incorporação da análise mítica, ou seja, a defrontação entre várias vertentes de um mito, ou passa a ser inspiração para ponderações por Lacan, Foucault, Althusser ou Derrida (GADET, 1997).

Sobre esta fase, Henry (1997) censura que as ideias e os sistemas linguísticos fornecidos pelo Estruturalismo foram transpassados para outras áreas sem terem sido expostos a reestruturações fundamentais. As distintas matérias e áreas que o utilizaram, como a etnologia, a censura literária e a sociologia, admitem a mudança ideológica incluída por Saussure que se traduz em raciocinar a língua como um método e, visto que havia métodos sintáticos, aparece à ideia de que haviam da mesma maneira métodos míticos, literários, entre outros.

Após, Chomsky elaborou uma alteração na linguística ao incluir a Gramática Gerativa (Transformacional), a qual possibilita segundo determinada quantidade de normas, produzirem uma quantidade infinita de sucessões que são frases, relacionando-lhes um detalhamento de aspecto intuitivo. Neste aspecto, a ideia de linguagem possibilita não apenas o sentido descritivo mais também o explicativo, proporcionando grande colaboração para os campos da lógica e da matemática e sobre os questionamentos sobre as bases biológicas da linguagem associadas aos seres humanos (ORLANDI, 1994).

De acordo com esta estudiosa, os delineamentos elaborados por Saussure e Chomsky deixam para trás as circunstâncias reais de utilização da linguagem como a fala e a performance para ficar com o que é subjetivo e virtual, no caso da língua e capacidades. Contudo, essa predisposição denominada de formalismo, mesmo sendo predominante na linguística, também coexiste com outras vertentes que procuram uma forma de criar um método para utilização real da linguagem por pessoas. Estas pesquisas contribuem agregando maior importância ao cenário da circunstância, da sociedade e contexto histórico em que se incluem as comunicações. Essa associação entre a Sociedade e a linguagem tem sido estudada de várias formas e meios, e sua distinção se dão pela ocasião de constituírem a linguagem em determinados momentos como causa e em outros, como efeito (ORLANDI, 1994).

Na fundamentação Sociolinguística, a sociedade é considerada como razão da linguagem, a qual retrata as hierarquias sociais. Outro entendimento, a Etnolinguística, conceitua a linguagem como o motivo dos alicerces sociais e culturais, operando como organizador da humanidade. A estudiosa indica ainda, pesquisas independentes a essas, conforme as quais não existem distinção entre os comportamentos linguísticos e sociais,

os quais são reciprocamente constitutivos e inerentes, o que é amparado pela Sociologia da Linguagem. Desta forma, origina-se a relevância exponencial que é destinada aos conceitos teóricos que levam em conta tanto a associação linguagem/pensamento, quanto à inter-relação linguagem/sociedade. O simples arranjo dos itens fonológico, morfológico e sintático abre espaço para a pesquisa e estudo da interpretação, como é o caso da análise de conteúdo e da análise do discurso.

Os palavrões, para a linguística, apresentam-se como termos que não devem ser proferidos, muitas vezes por tabus de origem social ou religiosa, ou ainda por serem relacionados a sexo ou a excreções. Assim, os palavrões podem tanto ser próprios, quando o tabu é por motivo sobrenatural, quanto impróprios, sendo o tabu de origem social, pelo termo ser considerado grosseiro ou imoral (ORLANDI, 1994).

A Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo textual, segundo Bardin (1979), aborda os estímulos de explicitar e sistematizar bem com a expressividade do teor das mensagens, como o objetivo de se utilizar a lógica intuitiva, fundamentadas no cerne destas mensagens, como por exemplo: que as proferiu, em qual cenário e circunstâncias e quais seus entendimentos. Mais detalhadamente, a análise de conteúdo significa:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Como se pode notar pela descrição exibida, a escritora ampara que a análise do teor do texto varia entre os dois focos que abrangem a pesquisa científica: a rigidez da objetividade e a criatividade da subjetividade, tendo efeito na produção de parâmetros quantitativos e/ou qualitativos que devem conduzir o investigador a uma segunda abordagem da comunicação, fundamentado na intuição inferência.

Este novo entendimento do teor do texto, que vem a comutar a leitura considerada “normal” na perspectiva do indivíduo leigo, objetiva a mostrar o que está

oculto, mascarado ou implícito na ideia do texto. Assim, a análise do teor de texto pode ser usada em investigações de caráter de qualidade ou quantidade. Minayo (2000) prega que a grande relevância da análise do teor do texto significa, precisamente, em seu intuito de forçar uma ruptura entre as instituições e as conjecturas que direcionam para as concepções mais categóricas, sem, entretanto, se distanciar dos requisitos concedidos a uma determinada atividade científica.

Porém, a gênese da análise de conteúdo textual se origina de sistemas e métodos quantitativos, cujo raciocínio se fundamenta na significação cifrada do material de natureza quantitativa, em que a precisão e rigidez técnica exigidos eram identificadas pela suposta assertividade dos números e das medidas (MINAYO, 2000).

Uma resumida apresentação histórica do progresso da análise de conteúdo do texto evidencia seu crescimento como ferramenta de exame das comunicações. Nesta situação, o que distingue e identifica no que tange a outros métodos a essa é a existência de métodos e técnicas de comprovação.

O crescimento da análise de conteúdo como processo de análise de comunicações de ordem publicista ocorreu em meados do século nos EUA, por aproximadamente quatro décadas. Sendo a faculdade localizada em Colúmbia, no período da primeira guerra fora a precursora nestas pesquisas quantitativas de subsídios de imprensa e publicidade, identificados pelo encantamento pela contagem, pela medida e pelo rigor matemático.

Essas pesquisas se expandiram nos anos 40, tendo como objetivo focal a procurar por descobrir a publicidade nazista entre as comunicações da II Guerra Mundial e como ponto que distinguia as análises estatísticas de valores, fins, normas, objetivos e símbolos.

Neste tempo, o behaviorismo compele, dentro dos conhecimentos psicológicos, a recusa da introversão automática em prejuízo da psicologia dos comportamentos direta e os princípios essenciais requeridos para comprovar a precisão científica das análises se tornam a tarefa com amostragem coletada de maneira metódica, a indagação sobre a validez dos processos de colhimento e das consequências, a atividade com codificadores que possibilitem a constatação de lealdade, o destaque na análise de

periodicidade como parâmetro de assertividade e de metodologia científica bem como a viabilidade de calcular e efetividade da análise (BARDIN, 1979; MINAYO, 2000).

Essa natureza dominante, habitual ao aparecimento de uma prática metodologia em nascimento - o positivismo -, eliminou todos os demais meios de exploração de material qualitativo pela análise de conteúdo textual.

Bardin (1979) argumenta que, após a segunda grande guerra, a análise de conteúdo foi desmerecida bem como teve queda no grau de interesse por parte os pesquisadores e estudiosos, cujas pesquisas não alcançaram o objetivo nem reconhecimento almejados. Porém, na década de 50, aconteceu uma reestruturação da mesma, que começou a ser mais uma vez objeto de atenção e debates em eventos como o Congresso sobre Psicolinguística de maneira mais liberal.

Para as questões ainda não envolvidas pela análise de conteúdo, foram elaborados novos pontos de vista sistemáticos e aparecem desta forma, novas indagações por outros campos das ciências sociais além da publicidade, como a Etnologia, a História, a Psiquiatria, a Psicanálise, a Linguística, a Sociologia, a Psicologia e a Ciência Política, cada uma alegando sua participação.

Com a ênfase no destaque entre a investigação quantitativa e qualitativa nas ciências sociais, inicia-se o a debater também o uso da análise de conteúdo tanto por um quanto por outro questionamento. Desta forma, as análises referentes a quantias se baseiam na periodicidade com que aparecem certos aspectos nas comunicações, focando mais com a elaboração de novas maneiras e processos para determinar os sentidos caracterizados.

Em outro polo, os destaques qualitativos retornam os seus cuidados para a existência ou inexistência de uma particularidade, ou grupo delas, nos sentidos examinados, na procura de transpor a abrangência puramente descritiva dos métodos quantitativos para alcançar compreensões mais intrínsecas fundamentadas na inferência (BARDIN, 1979; MINAYO, 2000).

Mesmo com as contradições criadas em torno dos dois tratamentos, essas discussões colaboraram para a expansão da utilização da análise de conteúdo textual, complementada pela minimização do rigor exigida para a objetividade nas ciências

sociais e por um melhor acolhimento da associação entre o entendimento clínico e o entendimento estatístico nas análises.

Como aspecto de grande relevância, Minayo (2000) elenca que a evolução tecnológica e a semiótica como elementos que tem possibilitado o desenvolvimento das formas de tratamentos das informações relativas à comunicação, sendo que a tecnologia tem proporcionado precisão sistemática nas análises de teor, enquanto a semiótica tem possibilitado a funcionalidade no entendimento das interpretações.

A análise de conteúdo do texto, desde seu aparecimento até a atualidade, teve seu progresso permeado de momentos de aprovação e rejeição, criando, até hoje, desacordos e dúvidas. No entanto, assim como todo método de perquirição, busca possibilitar aos que investigam uma forma de incorporar às interações sociais em certos meios, de uma maneira conveniente a espécie de problemática investigativa a ser realizada.

A análise de conteúdo tem por objetivo, assim, a transcender o grau do senso comum e da subjetividade da compreensão e atingir um monitoramento analítico o que tange à comunicabilidade de registros, transcrições literárias, biografias, entre outras, sendo o palavrão uma das formas de expressão que é melhor compreendida por meio dessa ferramenta (MINAYO, 2000).

A Análise do Discurso

A organização e uso da análise do discurso nas ciências sociais acham-se recheadas por certos dilemas que retratam a insuficiência de harmonia entre os escritores. Bardin (1979) ampara que a análise do discurso faça parte do âmbito da análise de conteúdo textual, explicando que se refere a um método cujos processos têm com propósito de dedução sobre um alicerce profundo, que se referem a processos de elaboração, a partir de resultados de níveis discursivos. A mesma afirma que a análise do discurso tem por propósito sobrepor e eliminar a análise de conteúdo, mas confia que essa situação não é viável porque lhe faltam práticas metodológicas. Essa perspectiva oposta à análise do discurso pode ser demonstrada pela subsequente declaração:

[...] existe uma tentativa totalitária (no sentido em que se procura integrar no mesmo procedimento conhecimentos adquiridos ou avanços até aí dispersos ou de natureza disciplinar estranha: teoria e prática linguística, teoria do discurso como enunciação, teoria da ideologia e automatização do procedimento) cuja ambição é sedutora, mas em que as realizações são anedóticas. O que é deplorável! (BARDIN, 1979: p. 222).

Minayo (2000), no que lhe diz respeito, declara que existe pouca concentração de elaboração de teorias e hábitos no âmbito da análise discursiva, mas a pondera uma proposição de exercitar a linguagem de forma distinta da análise de conteúdo. Para a escritora, a análise de discurso está localizada entre a linguística tradicional e a análise de conteúdo, distinguindo-se por se fundamentar uma prática-teórica tradicionalmente determinada.

A análise do discurso compreende a ponderação das circunstâncias da elaboração dos trechos examinados, os quais, conforme Orlandi (1994), o localizam em um cenário histórico-ideológico mais abrangente. Orlandi sustenta ainda que a análise de discurso procura descobrir os procedimentos de predominância que se ocultam na linguagem, não se relacionando nem com um princípio descritivo, nem explicativo, mas com o objetivo de produzir uma proposição analítica que agrava as maneiras de ponderação pré-determinadas.

A análise de discurso tem por propósito representar as circunstâncias de elaboração e assimilação do sentido das transcrições e procura entender o modo de exercício, os fundamentos organizacionais e os meios de elaboração social da mensagem (MINAYO, 2000).

A análise de discurso exercita o momento de conexão da língua com os princípios e busca expressar a forma como se elaboram as visões do indivíduo e da sua consciência, de referência e subjetiva. Neste método, quem analisa deve comprovar o entendimento do que é a transcrição textual do político, a retratação das interações de poder, a forma de historicidade dos sentidos, a forma de presença dos discursos no indivíduo, no meio social e histórico (ORLANDI, 1994).

O cuidado com o conteúdo na análise do discurso abrange a compreensão de alguns princípios criados por seus estudiosos. Entre esses princípios, o elementar é o texto, que é considerado como item de análise. Para Fiorin (2000), “o Texto” é o fruto

da demonstração de um teor, o discurso, por intermédio de uma estratégia de apresentação qualquer.

Para Orlandi (1994), a transcrição ou conteúdo pode ser expresso tanto de maneira verbal como escrito, ampliado também as formas não verbais, e inclui a plenitude que se relacionam com o locutor e o interlocutor; a conexão da interpretação presente entre este e vários outros; e a associação do adiantamento que abrange a vivência delineada do locutor no que tange a localidade e à resposta de seu ouvinte. O essencial da análise do discurso é entender qual o sentido do texto na filiação discursiva.

Neste cenário, a análise do discurso fundamenta-se das conjecturas de que o significado de um termo apresenta posicionamentos de convicções em jogo no meio social e histórico em que são elaboradas e de que toda criação do discurso oculta sua subordinação das constituições ideológicas (MINAYO, 2000).

Agregando conceito, Orlandi (1994) relaciona outras três conjecturas de que não há significado sem que se interprete; de que a compreensão existe nos graus de quem fala e de quem analisa; e de que o fim de que faz a análise de discurso não é a interpretação, mas compreender como um conteúdo gera sentidos.

O palavrão, deste modo, surge como uma expressão espontânea de um termo que sofre um tabu seja ele de origem sobrenatural ou que seja relacionado ao decoro nas relações sociais. Por toda a força que carregam, permitem expressar sensações e sentimentos com grande força, de modo que extrapolar os termos comuns e denotar a amplitude do que se sente (ORLANDI, 1994).

Com o tempo, eventualmente, determinados termos vão sendo usados com menos receio e maior frequência, ao passo que vão deixando de ser considerados palavrões. Exemplos são “coitados” e “acuados”. Outros palavrões acabam surgindo, primeiro chocando e cercados de tabus, mas eventualmente passando a ser aceitos em cada vez mais ambientes e situações.

Considerações Finais

A produção desta pesquisa teve como propósito possibilitar um maior entendimento sobre o que compõe a análise de conteúdo e a análise do discurso,

contribuindo com uma direção que possa orientar seu uso apropriado em investigações no campo das ciências sociais, como também melhor compreender o fenômeno dos palavrões e sua consolidação no discurso.

Deve-se ponderar, contudo, que a evolução tanto da análise de conteúdo como da análise de discurso em uma pesquisa que abrange saberes mais peculiar e exige do investigador uma competência maior para suggestionar e produzir suas proposições particulares de análise, dentre da viabilidade que esses dois âmbitos proporcionam.

A aprendizagem e metodologia deste saber são viabilizadas pela investigação mais extensa de escritores que utilizam os temas supracitados, os quais não são abordados com tamanha profundidade pelo propósito desta pesquisa.

Não obstante, comenta-se que se este exercício não direciona os leitores a uma conclusão, pode ao menos, expandir as capacidades para um início, ao aguçar a atenção para a análise de conteúdo e a análise do discurso e ao incorporá-lo em seus conceitos e bases, mesmo de uma maneira mais abrangente.

Sobre os palavrões, eles surgem no discurso por expressarem sentimentos com força maior do que outros termos. Deste modo, restou constatado que eles se disseminam conforme os tabus a seu respeito arrefecem, e o impacto causado por sua utilização é menor.

Referências

BARDIN, L. ANÁLISE DE CONTEÚDO. LISBOA: EDIÇÃO 70, 1979.

GADET, F. PREFÁCIO. IN: GADET, F.; HAK, T. (ORG.). POR UMA ANÁLISE AUTOMÁTICA DO DISCURSO: UMA INTRODUÇÃO À OBRA DE MICHEL PÊCHEUX. CAMPINAS, SP: ED. UNICAMP, 1997. P. 7-12.

HENRY, P. OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA “ANÁLISE AUTOMÁTICA DO DISCURSO” DE MICHEL PÊCHEUX (1969). IN: GADET, F.; HAK, T. (ORG.). POR UMA ANÁLISE AUTOMÁTICA DO DISCURSO: UMA INTRODUÇÃO À OBRA DE MICHEL PÊCHEUX. CAMPINAS, SP: ED. UNICAMP, 1997. P. 13-38.

MINAYO, M. C. DE S. O DESAFIO DO CONHECIMENTO: PESQUISA QUALITATIVA EM SAÚDE. 7. ED. SÃO PAULO: HUCITEC, 2000.



EDIÇÃO Nº 21 DE JUNHO DE 2023
ARTIGO RECEBIDO ATE 24/04/23
ARTIGO APROVADO ATE 30/05/23

ORLANDI, E. P. (ORG.). GESTOS DE LEITURA: DA HISTÓRIA NO DISCURSO.
CAMPINAS, SP: UNICAMP, 1994. P. 15-28.